

A CONSTRUÇÃO DO SENTIMENTO TOPOFÍLICO: O ENFOQUE SOBRE O SUB-BAIRRO DE AMOVILA (VISTA-ALEGRE) _ MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Pamela Marcia Ferreira Dionisio¹

Resumo

Esta pesquisa objetiva compreender os diferentes mecanismos de construção do sentimento tofílico no sub-bairro de Amovila, de acordo com o tempo de moradia de seus moradores. Para isso, se investigou os marcos materiais e as imaterialidades imanentes do sub-bairro de Amovila, o qual faz parte do bairro de Vista-Alegre. O termo *topofilia* é um neologismo criado por Yi-Fu Tuan e consiste no elo afetivo entre o indivíduo e o seu lugar, que pode ser uma infinidade de possibilidades, como um objeto, um cômodo de uma casa, uma cidade ou um bairro. A metodologia consistiu na análise e na comparação dos discursos dos moradores a partir de entrevistas exploratórias e semi-estruturadas.

Palavras-chave: Topofilia, Lugar, Bairro.

Introdução

A Amovila ou o “bairrinho” é um dos sub-bairros que constitui o bairro de Vista-Alegre, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro (mapa 1). Composto por onze ruas e três saídas com cancela e guarita, o sub-bairro tem a aparência de condomínio fechado, apesar de oficialmente ser considerado uma vila.

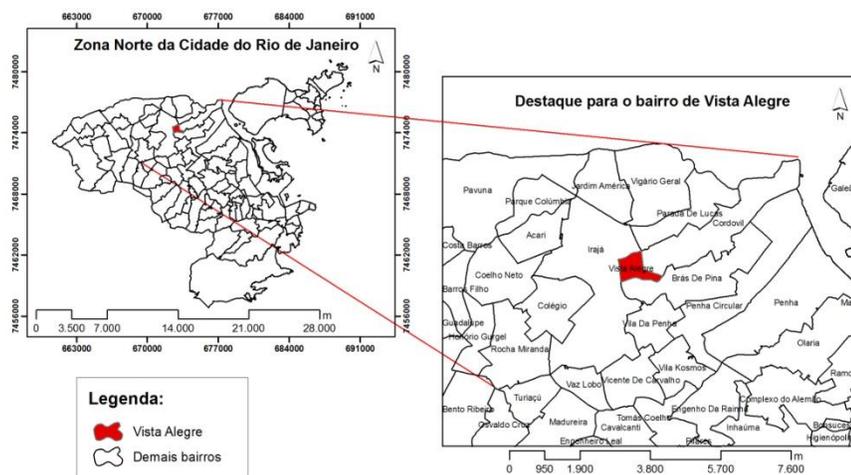
¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Ciências da Matemática e da Natureza Instituto de Geociências, Departamento de Geografia. E-mail: pameladionisio1@ibest.com.br

A construção do sentimento topofílico: o enfoque sobre o sub-bairro de amovila (vista-alegre) município do Rio de Janeiro

Pamela Marcia Ferreira Dionisio

Mapa 1

Delimitação da Área de Estudo: o bairro de Vista Alegre



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2007
Créditos: Bruna Santos Miceli

A utilização de bairro e sub-bairro como unidades de análise são importantes, uma vez que, por serem recortes geográficos menores que zonas, ou cidades, são capazes de evidenciar de melhor forma a subjetividade e a intersubjetividade existente no espaço. Para trabalhar com *topofilia*, uma escala menor se torna necessária, uma vez que apresenta o sentimento de afetividade mais profundo e repleto de minúcias (TUAN, 1983). É nos bairros que se encontram as maiores resistências à diluição e fragmentação do espaço vivido, aquele humanizado, repleto de relações experienciais e de cotidianidade (SOUZA, 1989).

Discussão teórico-conceitual

1.0 Bairro

A escolha do recorte espacial de sub-bairro não foi aleatória. Por ser parte da questão central a compreensão dos distintos mecanismos de construção do sentimento de *topofilia* que, inicialmente, pode ser definido como a afetividade que o indivíduo tem por um lugar, é importante que a unidade geográfica elencada esteja impregnada de tradições, valores, enfim subjetividades e intersubjetividades, além da dimensão objetiva. Apesar de

outros recortes da realidade social em geral serem compostos por uma dialética que inclui o subjetivo e o objetivo e suas relações entre si, o bairro constitui-se em recorte-chave para o entendimento da idéia de “espaço vivido e sentido” (SOUZA, 1989, p.149).

A função principal do bairro de Vista-Alegre é a residencial, apesar de apresentar comércio, que atrai clientela de bairros próximos. Sendo assim, não se diferencia dos bairros limítrofes que possuem o mesmo papel. Em contrapartida, tanto a composição social quanto a paisagem urbana podem ser evidenciados como traços marcantes de diferenciação do bairro de Vista-Alegre em relação às suas adjacências.

De acordo com o site Armazém de Dados, do Instituto Pereira Passos (dados de 1991), 20,5% dos chefes permanentes de domicílio particulares do bairro apresentam entre mais de três e cinco salários mínimos, enquanto que praticamente um terço dos moradores (33%) recebe mais de cinco salários. O bairro apresenta assim população predominante de classe média, tendo uma parcela considerável de classe-média alta, diferentemente dos bairros limítrofes como Irajá e Cordovil, que apesar de apresentarem classe média, têm uma parcela considerável de classe média-baixa. A paisagem urbana com ruas arborizadas, poucos conjuntos habitacionais, condomínios fechados com guaritas, casas modernas e antigas conservadas, também se diferencia dos bairros anteriormente mencionados.

A idéia de bairro suburbano composto por predominância de classes sociais homogêneas e casas ou edifícios de até dois andares, com pouca verticalização (BERNARDES & SOARES, 1987) ainda persiste em Vista-Alegre. A maioria da população (45,5%) está entre classe média-média e média-alta, enquanto que 11% é de classe alta (mais de 10 salários) e 25% é de classe baixa (até dois salários), conforme dados de 1991 do site Armazém de dados. De acordo com o censo do IBGE de domicílios particulares permanentes no ano de 2000, o bairro apresenta 53% de casas. A pressão imposta pela especulação imobiliária, sobretudo quando terminar a construção do shopping Via Brasil no bairro, provavelmente, poderá modificar esta realidade.

Apesar de os bairros apresentarem especificidades, sendo suburbanos ou não, eles têm uma dimensão objetiva inerente. Estas unidades geográficas formam em conjunto a cidade, sendo assim, somente podem ser concebidos a partir da ótica de totalidade da cidade. A centralidade exercida pela cidade é a sua essência, é o substrato da vida urbana

onde os bairros estão inseridos. Nos países periféricos, a relação entre a cidade e os bairros se complexificaram em extraordinárias proporções, se refletindo numa “diluição da vida de bairro” que começa com a fase do capitalismo concorrencial e se intensifica no capitalismo monopolista simples e avançado. O surgimento de subcentros, já na fase do capitalismo monopolista simples, fragmenta ainda mais a idéia de bairro com laços de vizinhança bem estruturados, uma vez que os bairros que não são subcentros deverão se deslocar até este, que também se descaracteriza devido à circulação intensa de não-moradores (SOUZA, 1989).

Tanto a dimensão subjetiva e intersubjetiva, quanto a objetiva, constituem o bairro. Estes três elementos relacionam-se entre si e estão sujeitos ao tempo. Logo, o bairro é parte do espaço socialmente construído por sujeitos que estabelecem com ele relações experienciais e de cotidianidade, isto é, sua dimensão subjetiva e intersubjetiva. Quanto à dimensão objetiva, assim como as outras duas dimensões já mencionadas, pode ser definida como as materialidades existentes no bairro, a partir de uma construção social calcada nas relações “proletário/burguês, antigo no bairro/recém-chegado, inquilino/proprietário, jovem/velho_ e valorações diferenciadas” (SOUZA, 1989, p.151-152), que se relacionam a cotidianidade vivida ao longo do tempo histórico. Estas questões objetivas estão carregadas de sentidos dados pelos moradores de um bairro, de forma individual e coletiva, o que demonstra o cruzamento da objetividade com a subjetividade e a intersubjetividade.

2.0 Lugar e Espaço Vivido

O lugar é produto das percepções internas e das relações de alteridade no espaço, respectivamente as subjetividades e as intersubjetividades (TUAN, 1983). É mais que o mero sentido geográfico de localização, refere-se às tipologias de experiências e ao envolvimento com o mundo, além das raízes e segurança necessários (RELPH, 1976; TUAN, 1983; MELLO, 1990; BUTTIMER 1985).

O enraizamento necessário para que uma parcela do espaço se torne um lugar, transmite a idéia de tempo. Para que o lugar seja vivenciado, humanizado, é preciso tempo. Sendo assim, o lugar, dificilmente é concebido por meio de uma ligeira passagem por ele. É

fundamental que ocorra um longo tempo, possibilitando que o contato do indivíduo com o meio que o cerca possa ter um denso envolvimento. Assim o lugar, apresenta uma estabilidade, propiciada pelo enraizamento necessário para considerar tal área como lugar (TUAN, 1983; RELPH, 1976).

Além do tempo, o lugar apresenta intencionalidade, interesses pré-determinados pelos indivíduos que estabelecem relação de afeição com ele. Logo, o lugar é uma criação dos seres humanos com finalidades para o homem (TUAN, 1983). Apesar de considerar a dimensão objetiva do lugar, a perspectiva humanística focaliza muito mais as abstrações da mente do que as materialidades existentes no mundo como as relações de produção. Destarte, as maneiras de os sujeitos agirem neste espaço, bem como os fatores econômicos também fazem parte deste sistema que compõe o lugar (LEFEBVRE, 1974; COSGROVE, 1978).

O lugar é um espaço dialético, composto por um conjunto de dimensões que concerne a questões sociológicas, (MacCANNEL, 1976), morfológicas (LYNCH, 1960) e de espaço vivido (FRÉEMONT, 1976), formando uma complexa trama de identidade. A globalidade também vai existir no lugar, isto é, existe uma unicidade específica, mas, simultaneamente, ocorre uma articulação com a escala mundial (CARLOS, 1996; MASSEY, 1994; SANTOS, 2005).

Ao ser concebido a partir de laços de vizinhança, solidariedade e amizade, o lugar, que pode ser um bairro, apresentará limites fluidos e /ou fragmentados, quando refletir a idéia de espaço vivido (TUAN, 1980; TEIXEIRA & MACHADO, 1986). O espaço vivido é uma das tipologias de espaço que servem para construir a acepção de lugar. Também denominado de espaço existencial (RELPH, 1976) e espaço mental (LEFEBVRE 1974), o espaço vivido é o que está oculto na estrutura espacial, emergindo a partir das experiências concretas realizadas pelos indivíduos de um grupo que tem a mesma cultura.

3.0 Topofilia e Memória

A percepção do lugar, a partir de sua dimensão afetiva ficou conhecida por *topofilia*, segundo Yi-Fu Tuan. Apesar de se relacionar ao conceito de geográfico de lugar, pode adquirir abrangência quando for definido como “todos os laços afetivos dos seres humanos

com o meio ambiente material” (TUAN, 1980, p.107). Portanto, o sentimento topofílico pode ser expresso em obras de arte, em um espaço imaginário, em qualquer objeto estável passível de observação.

Entender as percepções de moradores pelo seu bairro é uma tarefa complexa, mas não impossível. De acordo com TUAN (1980) a relação afetiva do indivíduo para com o seu lugar apresenta traços de suas experiências pessoais vinculadas a valores e a maneira como apreende o seu meio ambiente. Assim a afeição por determinada parcela do espaço seria a *topofilia* e o espaço denominado lugar. A percepção do lugar por parte de quem é habitante interno e externo apresenta-se de forma distinta. RELPH (1976) para diferenciar os graus de percepção do espaço, criou duas classes: a dos moradores locais (*insiders*) e a dos forasteiros (*outsiders*), sendo que em cada um desses grupos ocorreriam gradações internas, desde o mais enraizado até o mais desenraizado.

A *topofilia* varia de intensidade. Pode ser um prazer passageiro de uma paisagem até um sentimento de belo muito mais intenso, como por uma obra de arte. Pode ainda ser desvelada não pelo campo visual, mas pelo tatear do vento, da água e da terra. Porém o campo mais desafiador de estudo é justamente o de exprimir os sentimentos para com o lugar, “por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida” (TUAN, 1980, p.107). Na área rural, mormente o sentimento topofílico pode ser expresso pelas próprias marcas no corpo (músculos e cicatrizes), possibilitada por um contato físico entre o agricultor e a terra, logo o seu espaço íntimo se faz muito mais por uma “intimidade física” que por uma apreciação estética do lugar.

O grupo, que possibilita as intersubjetividades, influi na *topofilia*, pois exprime e reforça arquétipos culturais da sociedade, podendo até mesmo levar a devaneios em grupo. De tal modo, aspectos deste grupo também provocarão diferenciações internas de percepção, como o gênero masculino e feminino, faixa etária, nível financeiro e tempo de permanência no local. No que tange ao tempo de permanência, os moradores que chegaram mais recentemente apresentam tendência de maior insatisfação, mesmo porque não tiveram ainda contato suficiente para se envolver de maneira mais profunda com o local. A percepção do lugar também muda de acordo com a idade.

Para que se evoque o sentimento do morador pelo bairro, ocorre uma incursão ao passado, logo as memórias repletas de experiências e cotidianidade passam a ser o substrato do estudo do sentimento topofílico. As formas que constituem a memória são múltiplas. *A priori*, subentende-se que seja de caráter íntimo, produto da constituição interna do ser humano. Todavia também pode ser concebida como um fenômeno social, fruto de um imaginário coletivo, que sofre transformações e instabilidades a todo instante. Marcos, pontos de referências não-mutáveis, entretanto, existem também na memória, e devem ser considerados.

É no substrato material que a memória se conserva, é no espaço que as lembranças foram e são vivenciadas, por isso é importante espacializar as memórias (HALBWACH, 1990; BACHELARD, 1978). Apesar de se constituir num processo interno, a memória necessita de um espaço para ser acionada e instigada.

O lugar não deve ser visto como uma mera categoria espacial, como um palco onde a sociedade constrói sua história. Muito pelo contrário, como já discutido anteriormente, o lugar deve ser considerado como porção do espaço em que são criados vínculos afetivos e subjetivos que servirão de materiais para o sentimento topofílico. Vale salientar também a multiescalaridade existente no binômio memória/espaço, que pode abarcar desde a visão individual de um morador sobre seu bairro até os símbolos existentes em uma nação e que são evocados pela memória.

A memória não é apenas um depositário de dados, mas é uma solução importante para recuperação de informações, que ao serem evocadas, são recombinações de forma a possibilitar pensamentos novos. É preciso o passado para a compreensão do lugar presente, uma vez que experiências precedentes é que irão cobrir o perceber presente. A espacialização das lembranças é que torna a memória mais sólida e passível de ser estudada. “A memória produz o espaço, mas o espaço também produz a memória” (SEEMAN, 2002, p.51).

Metodologia

Para o desenvolvimento da metodologia foram utilizados dois instrumentos de análise: entrevista exploratória e entrevista semi-estruturada. O quadro teórico-conceitual do segundo capítulo serviu de substrato para a elaboração da pesquisa qualitativa. A entrevista exploratória (tabela 2), que tem por objetivo “instigar a reflexão e construir os caminhos da elaboração da problemática de pesquisa” (SILVA, 2009, p.58), consistiu em um número menor de perguntas (cinco) argüidas a moradores antigos e recentes do sub-bairro, de forma a nortear as perguntas das entrevistas semi-estruturadas.

Tabla 2

ENTREVISTA EXPLORATÓRIA
Há quanto tempo mora na Amovila?
Por que decidiu morar aqui?
O que este sub-bairro tem de melhor e/ou pior em relação ao restante do bairro de Vista-Alegre?
Quando você pensa no “Bairrinho”, que idéias, imagens vêm à sua cabeça?
Como foi a compra da casa?

Fonte: Elaboração do autor.

As entrevistas semi-estruturadas foram divididas em dois grupos. O primeiro (tabela 3) teve por objetivo alcançar a morfologia do sub-bairro ao longo do tempo, buscando suas principais modificações materiais. O último (tabela 4) foi relacionado à descoberta das materialidades e imaterialidades que propiciaram a construção do sentimento topofílico. O critério para a seleção dos moradores foi o tempo de moradia, uma vez que, a afetividade para ser construída e o lugar para ser enraizado demanda, geralmente, tempo (TUAN, 1983; RELPH, 1976).

Foram elencados para o primeiro grupo somente moradores antigos, isto é, os que residem há mais de 40 anos na Amovila. O segundo grupo, em contrapartida, foi composto por moradores recentes (até cinco anos no sub-bairro) e moradores antigos divididos em dois subgrupos: os que moram há mais de 20 anos e os que moram há mais de 50. Neste segundo grupo foram entrevistados cinco moradores de cada categoria. O tratamento dos dados foi realizado a partir da análise e comparação dos discursos dos moradores.

Tabela 3 Entrevista semi-estruturada I

Bloco 1_ Identificação
1.1 Nome: 1.2 Idade: 1.3 Escolaridade: 1.4 Tempo de moradia no sub-bairro:
Bloco2-Morfologia
2.0 Como o sub-bairro foi sendo construído ao longo do tempo. Fale da sua história. 2.1 Como e quando surgiram as primeiras casas? Qual era a sua aparência? Quantas casas eram na época do surgimento? Como estas casas estão agora? Quantas são neste momento? 2.2 Como eram as ruas, suas disposições e as calçadas? Quantas ruas eram na formação no sub-bairro e quantas são agora? 2.3 Quando e como surgiu a guarita, a praça, a quadra, a associação de moradores, dentre outros serviços que fazem parte do sub-bairro? O bairro sempre teve três saídas? Se não quando isto ocorreu? Por que motivo foi feito? Estas obras do bairro foram financiadas por quem? Quem as mantém hoje em dia?
Bloco 3_Mecanismo de compra e venda
3.0 Como é feita a compra e a venda de casas hoje? Tem alguma empresa de lançamento imobiliário envolvida? Como era feita a venda e compra no passado? Existe casa alugada?
Bloco 4_Intersubjetividade
4.0 Existe o costume de terem confraternizações entre os moradores? Quais?

Fonte: Elaboração do autor.

Tabela 4 entrevista semi-estruturada II

Bloco 1_ Identificação
1.0 Nome: 1.1 Idade: 1.2 Escolaridade: 1.3 Tempo de moradia no sub-bairro:
Bloco 2_Topofilia
2.0 Como você usa a Amovila? Moradia, trabalho, lazer... 2.1 Quais são as relações sociais que você tem aqui? Amigos de muito tempo, parentes... 2.2 Pretende estar morando no “Bairrinho” daqui há dez anos? Por que?
Bloco 3_Sensações
3.0 Feche os olhos. Quando você pensa no sub-bairro o que vem primeiro à cabeça? Algum cheiro, som ou imagem específico(s)? Por que?
Bloco 4_Memória

4.0 O “Bairrinho” se modificou ao longo do tempo? Como ele era antes? Que fatos vêm à sua memória, isto é, como eram as casas, as ruas, a relação entre os moradores?

Bloco 5_ Intersubjetividade

5.0 Descreva-me como se dá a convivência das pessoas aqui. Quais são as formas mais frequentes de encontros? O que faz as pessoas irem umas às casas das outras? Onde ocorrem os eventos coletivos? Quem promove essas confraternizações?

5.1 Como é a relação entre moradores e não-moradores?

Bloco 6_ Diferenciações espaciais
--

6.0 Por que você se mudou para o “Bairrinho”?

6.1 No que esse lugar é diferente dos outros? Espaço mais ordenado, limpeza, padrão das casas, calçada, padrão das ruas...
--

Fonte: Elaboração do autor.

Resultados Obtidos

A este capítulo compete a análise e a comparação dos discursos dos moradores argüidos pela entrevista semi-estruturada II, que objetiva compreender os mecanismos de construção do sentimento topofílico. Para isto foram realizadas perguntas que buscaram entender os usos do sub-bairro, as relações sociais entre os moradores, as imaterialidades marcantes e as diferenciações espaciais que fazem este sub-bairro ter sido elencado para moradia e objeto de afeição. Ao final, foram analisados os matizes de sentimento topofílico. Vale salientar que o critério para comparação entre os discursos foi o tempo de moradia e, em determinados aspectos do discurso, a faixa etária dos entrevistados que são parâmetros importantes para a avaliação de distintos matizes de *topofilia* (TUAN, 1983).

Usos da Amovila

No que tange aos usos da Amovila, tanto os moradores mais recentes (até cinco anos), quanto os mais antigos (mais de 20 e mais de 50 anos) o usam como moradia e lazer. A discrepância no discurso está na quantidade de entretenimentos, uma vez que, os mais antigos apresentaram maior diversidade nas formas de lazer em comparação aos moradores mais recentes como pode ser constatado nos fragmentos das entrevistas abaixo:

“*Andar de bicicleta. De patins. Conversar até tarde na pracinha.*” (Paula, 22 anos, moradora desde que nasceu). “*Caminho às vezes.*” (kamila, 19 anos, moradora há dois anos).

Imaterialidades do lugar

Com relação às características imateriais imanentes ao lugar, os moradores destacaram a “sensação de uma paz constante”, a “tranquilidade”. A segurança tão enfatizada nos discursos de todos os moradores é bem ilustrada no depoimento da moradora Tânia:

“Minha casa nunca teve portão. [...] Já esqueci chave na porta e nunca houve problema.” (Tânia, 55 anos, moradora há 21 anos).

Outro valor importante atribuído ao sub-bairro, pela maioria dos moradores, é o seu “ambiente familiar”, uma vez que, é comum que os descendentes morem junto aos seus pais e avós. Assim como o clima familiar, outra intersubjetividade declarada pelos entrevistados foi os laços de amizade, construídos a partir de uma série de fatores enumerados pelos moradores como: o respeito mútuo, as conversas nas calçadas, as confraternizações e as brincadeiras e conversas nas praças. Paula, de 22 anos, moradora desde que nasceu, diz que na Amovila tem amigos para a vida inteira. A morfologia do sub-bairro também é destacada para a construção deste elo afetivo entre os moradores:

“Aqui todos se cumprimentam. Só tem três saídas e onze ruas. As pessoas se vêem direto. Têm de se cumprimentar.” (Kamila, 19 anos, moradora há dois anos).

Materialidades do lugar

As materialidades do “bairrinho” também contribuem para as confraternizações entre os moradores, como a quadra, onde ocorrem festas de dias comemorativos, bailes dançantes, além de práticas esportivas como o futebol. A churrasqueira do coreto, próximo a quadra, as praças com brinquedos e bancos para entretenimento e a capela erguida dentro do sub-bairro, donde ocorrem procissões periódicas, completam o quadro material que incentiva as relações entre os moradores.

Ainda nas diferenciações espaciais, quando argüidos especificamente acerca das distinções no espaço que a Amovila apresenta em relação à área de entorno, foram mencionados por todos os moradores os seguintes marcos materiais: praças arborizadas e com brinquedos; o fato de a vila ser fechada com portão e guarita; e, finalmente, a

existência da quadra, do coreto e da capela. No discurso dos moradores mais antigos dois elementos foram acrescentados: o fato de ainda conservar algumas casas antigas, com muros baixos; e o próprio espectro de vila.

Topofilia

Quando os moradores foram inquiridos acerca da possibilidade de se mudar de lá, foi deixada livre a comparação com outros bairros, ou sub-bairros de Vista-Alegre. Todos os moradores declararam que não tem vontade de se mudar para nenhum outro bairro da Zona Norte, sendo que os entrevistados de faixa etária jovem (entre 20 e 30 anos) revelam a vontade de se mudar para a Zona Sul ou Zona Oeste (devido à praia). Os moradores mais antigos não desejam se mudar para nenhum outro lugar, sendo caso de *topofilia* extrema. Inclusive são esses moradores que expressam a maior afeição pelo bairro:

“Só saio daqui para o cemitério. Já morei na Zona Sul. Quando era nova estudava e morava em Botafogo. Mas prefiro isso aqui.” (Dona Elvira, 83 anos, moradora há 55 anos).

Considerações Finais

Trabalhar com sentimento se constitui numa tarefa desafiadora para uma pesquisa científica, uma vez que o ser humano mostra-se bastante complexo, apresentando uma série de dimensões como a biológica, a individual e a cultural (TUAN, 1980). Desta forma, parâmetros tiveram de ser delineados para que se pudesse ocorrer certa objetividade no processo metodológico. Buscou-se compreender a materialização da *topofilia* no espaço a partir da forma urbana do sub-bairro e de seus marcos materiais que foram se construindo ao longo dos anos.

Manter-se na forma é limitado para a compreensão deste sentimento de afeição pelo lugar. Assim, os valores atribuídos ao lugar, através das imaterialidades e das relações sociais, foram inquiridos aos entrevistados para que se pudesse também entender o que de intangível contribuiu para a construção do sentimento topofílico na Amovila. Os topônimos surgiram também como marcas identitárias, que contribuíram para a memória do sub-

bairro, sendo expressão do grupo cultural que apropria determinado espaço (CORRÊA, 2003). A forma urbana do sub-bairro, apresentando espectro de vila, com casas umas próximas às outras, com um ou dois andares na sua maioria, sendo a morfologia dos tradicionais bairros suburbanos, foi uma materialidade ressaltada pelos moradores mais antigos do bairro.

Todos os moradores foram unânimes em ressaltar a importância das praças, da quadra, da capela e do coreto para o estabelecimento de ambiente familiar e para a construção de laços de amizade. Vale salientar que estes marcos materiais influenciam nos usos do “bairrinho” que é de lazer além de ser moradia. A sensação de segurança, materializada na guarita e na cancela dos três acessos ao sub-bairro foi a unanimidade e o motivo *a priori* dos entrevistados, quando inquiridos sobre a preferência de residirem na Amovila. Todos os entrevistados demonstraram em seus discursos ter afeição pelo sub-bairro. Os casos de enraizamento maior (topofilia mais extrema), como o fato não desejar se mudar, ficou a cargo dos indivíduos que moram há mais de 50 anos no bairro. Até mesmo os moradores mais recentes e mais jovens (entre 20 e 30 anos) têm grande afetividade pelo local, ao declararem que preferem morar na Amovila a qualquer outro bairro da Zona Norte.

As dimensões subjetiva e intersubjetiva, além das materialidades do espaço, foram o foco para a compreensão dos mecanismos de construção de *topofilia* na Amovila. Apesar disto, esta pesquisa não se mostra estanque. A dimensão objetiva do lugar pode ser trabalhada, alcançando-se assim outros fatores que contribuem para a *topofilia*. Outros instrumentos metodológicos e critérios também podem ser utilizados para a seleção dos moradores como faixa etária mais diversificada (incluindo crianças), gênero e nível financeiro. Pode-se buscar também a percepção do sub-bairro demonstrada pelos moradores da área do entorno, o que seriam os *outsiders*, segundo RELPH (1976). Vale salientar que o recorte espacial de sub-bairro mostrou-se satisfatório para ir de encontro às especificidades do lugar, só possíveis numa escala local. Ademais, o estudo topofílico é muito comum no Brasil na área de Antropologia, sendo importante que também possa ser desenvolvido no âmbito da Geografia. Tal deficiência é evidenciada pela bibliografia desta

pesquisa, cujos principais obras são de autores estrangeiros, como Yi-Fu Tuan e Edward Relph.

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2ª edição. Martins Fontes. São Paulo. 2008.
- BOLLNOW, Otto Friedrich. **Mensch und Raum**. Stuttgart: Kohlhammer, 1997.
- BUTTNER, A. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: Perspectivas da Geografia. Antonio Carlos Cristofolletti (org.). São Paulo, Difel, p.165-193. 1985.
- CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do Mundo**. São Paulo. Hucitec. 1996. COSGROVE, D. E. **Place, Landscape, and the Dialectics of cultural Geography**. *Canadian Geographer*, 22 (1). 1978.
- CORREIA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeni (org). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Biblioteca Vértice, 1990.
- HARVEY, D. **Spaces of global capitalism**. London: Verso, 2006. 154p.
- LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974.
- LYNCH, Kevin, **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- MacCANNELL, Dean. **The tourist: a new theory of the leisure class**. New York: Schocken Books, 1976.
- MASSEY, Doreen. **Space, Place and Gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.
- MELLO, J. B. F. **Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo**. In: Revista Brasileira de Geografia, 52 (4), p.91-115. 1990.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- RELPH, Edward. **Place and placelessness**. Pion limited. London. 1976.

A construção do sentimento topofílico: o enfoque sobre o sub-bairro de amovila (vista-alegre) município do Rio de Janeiro

Pamela Marcia Ferreira Dionisio

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SEEMAN, Jörn. **O espaço da memória e a memória do espaço: Algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas**. In: Revista da Casa da Geografia de Sobral, Sobral, v.4/5, p.43-53, 2002/2003.

SILVA, Joseli Maria. **Construindo a ciência: elaboração crítica de projetos de pesquisa**./ Joseli Maria Silva, Edson Armando Silva , Ivan Jairo Junckes. Curitiba: Pós-Escrito. 2009.

SOARES, M. Terezinha de Segadas. **Bairros, bairros suburbanos e subcentros**. In: Rio de Janeiro: Cidade e região./ Lysia M. C. Bernardes, Maria Therezinha de Segadas Soares_ Rio de Janeiro: Secr. Mun. Cultura: Dep Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1987.

SOUZA, Marcelo Lopes. **O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política**. Revista Brasileira de Geografia, 51(2). Rio de Janeiro, 1989, pp. 139-172.

TEIXEIRA, Marlene P.V. & MACHADO, Rosa Maria. **Conceito de bairro: unidade popular ou técnica?** In: Anuário do Instituto de Geociências, p. 66-71. UFRJ. 1986.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo. Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo. Difel, 1983.

<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br> - Acessado em 20/05/2010.

<http://www.bairrovistaalegrerj.xpg.com.br> - Acessado em 12/06/2010.